

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 18/07/2016.

PATRÍCIA REGINA DE MORAIS BERTOLUCCI CARDOSO

**CATEGORIAS RETÓRICO-POÉTICAS E PRODUÇÃO DE
EMBATES N´O *DESERTOR*, DE MANUEL INÁCIO DA SILVA
ALVARENGA**

ASSIS

2016

PATRÍCIA REGINA DE MORAIS BERTOLUCCI CARDOSO

**CATEGORIAS RETÓRICO-POÉTICAS E PRODUÇÃO DE
EMBATES N´O *DESERTOR*, DE MANUEL INÁCIO DA SILVA
ALVARENGA**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Doutora em
Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida
Social)

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de
Moraes

ASSIS

2016

AGRADECIMENTOS

Agradecer, ao contrário do que parece, não é algo fácil, pois podemos acabar nos esquecendo de todos àqueles que, direta ou indiretamente me acompanharam nesse percurso...

Assim, agradeço...

Ao Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – Faculdades de Ciências e Letras Campus de Assis, em especial aos professores que em muito contribuíram para minha formação. Aos funcionários da Pós Graduação que sempre me atenderam com zelo e presteza.

À Secretaria Estadual de Educação SEE/SP, pela concessão da Bolsa de Estudos.

À minha família, cúmplice em todos os momentos...

Aos meus amigos que sempre torceram por mim...

E um agradecimento especial ao meu professor orientador Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pela paciência, serenidade, competência e pelo absoluto respeito com que orientou esse trabalho.

C268c

Cardoso, Patrícia Regina de Moraes Bertolucci.

 Categorias retórico-poéticas e produção de embates n'O
 Desertor de Manuel Inácio da Silva Alvarenga / Patrícia
 Regina de Moraes Bertolucci. -- Assis, 2016.

116f. ; 30 cm.

 Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em
 Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade
 Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2016.

 Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de
Moraes.

CARDOSO, Patrícia Regina de Moraes Bertolucci. CATEGORIAS RETÓRICO-POÉTICAS E PRODUÇÃO DE EMBATES N’O DESERTOR, DE MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA, Tese. 2016. 116 f. Doutorado em Letras. – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta traz uma leitura do poema *O Desertor: poema herói-cômico* de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, publicado em 1774, em Portugal, a partir de uma perspectiva de demonstração dos embates que residem no seu interior, no que diz respeito à transição de ideias do Antigo para o Novo regime, principalmente por meio do discurso de avaliação (leia-se elogio) à condução do processo político glosado na obra literária. Trata-se de um importante “manifesto” a favor da propagação das Luzes na Lusitânia no século XVIII e tem por tema a celebração da reforma na Universidade de Coimbra, empreendida pelo Marquês de Pombal, durante o reinado de D. Jose I. Para tanto, o louvor não se produz de maneira convencional, antes, pela produção do riso. Em outras palavras, o riso advém do recurso de adoção de modelos do gênero épico conferido a situações e personagens ridículos ou risíveis, cujas ações são vistas como vis. Nosso foco serão nos embates produzidos no âmbito da escritura da obra, todos eles produzidos – curiosamente – à luz do modelo conservador de discursos do antigo regime apoiados em modelos emuladores das poéticas da antiguidade greco-romana. Os deslocamentos, todavia, acabam por convergir para uma nova forma de escritura que não se desvencilha dos modelos antigos. Entretanto, passa a inserir ideias mais pragmáticas, buscadas na poética objetiva do poeta latino Horácio, promovendo, internamente, os ditos embates que, embora se pareçam inconciliáveis, segundo um olhar sobre a questão política, acomodam-se nos ajustes mais ou menos formais permitidos pelos recursos às orientações poéticas e retóricas empregadas por Silva Alvarenga.

Palavras-chave: *O Desertor*. Iluminismo. Escolástica. Embates.

RHETORICAL-POETIC CATEGORIES AND PRODUCTION OF CLASHES IN **O
DESERTOR**, BY MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA

ABSTRACT

This work brings a reading of the poem *O Desertor: poema herói-cômico*, by Manuel Inácio da Silva Alvarenga, published in 1774, in Portugal, from a perspective of demonstration of the clashes that exist in it, concerning the transition of ideas from the old to the new regime, mainly through the evaluation of speech (should read praise) to conduct the political process glossed in literary work. This is an important "manifesto" for the spread of Lights in Lusitania, in the eighteenth century, whose theme is the celebration of reform at the University of Coimbra, undertaken by the Marquis of Pombal, during Joseph's reign. Therefore, the praise is not produced in a conventional manner, but through the production of laughter. In other words, laughter comes from the adoption of models of the epic genre given to ridiculous or laughable situations and characters, whose actions are seen as vile. Our focus will be on clashes produced within the work's writing, all of them produced – curiously – in light of the conservative model of the old regime speeches supported in emulator models of Greco-Roman antiquity poetics. The displacements, however, end up converging on a new form of writing that does not break away from old models. However, it begins to introduce more pragmatic ideas, found in the objective poetics of the Latin poet Horace, promoting, internally, the referred clashes that, although it may seem irreconcilable, as a glance at the political issue, settle in more or less formal settings allowed by the resources to the poetic and rhetorical guidelines employed by Silva Alvarenga.

Keywords: *O Desertor*; enlightenment; scholasticism; clash.

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
OLHAR ESTRANGEIRADO E ENSINO JESUÍTICO: Questão Política e Tema Central D’O DESERTOR.....	15
1.1 Portugal Saudoso, Portugal Iluminado.....	16
1.2 Os estrangeirados portadores das ideias iluministas.....	22
1.3 Atividade letrada e sua transição entre os seiscentos e setecentos	27
1.4 A poesia engajada no projeto das luzes	31
1.5 Aspectos reveladores do modelo (antigo) na obra de Silva Alvarenga	38
CAPÍTULO 2	
O DESERTOR E SEUS EMBATES: Estratégicas Retóricas de Condução da Narrativa.....	42
2.1 Uma grande antítese: Iluminismo e Escolástica.....	43
2.2 Adoção de modelos consagrados de escrita na construção d’ <i>O Desertor</i>	50
2.2.1 Da escrita nobiliárquica e da ilustração.....	52
2.3 Pombal se espelha em Mecenas.....	59
2.4 O subtítulo “Herói-Cômico”.....	65
2.5 A viagem e a descrição dos <i>loci</i>	68
2.6 O processo de construção do discurso sobre Gonçalo, o Personagem Desertor.....	75
2.6.1. A Amplificação	79
2.6.2 A Amplificação da virtude moral.....	81
2.6.3 A Amplificação da virtude política.....	85
2.7 Comparação (o lado positivo do encômio).....	89
2.8 O Exemplo (<i>ridendo, castigat mores</i>).....	90
2.9 Ironia.....	94
2.9.1 A ironia n’ <i>O Desertor</i> : questionamentos internos e externos.....	96
2.9.2 Armadilhas da ironia: heroísmo e suas consequências.....	97
2.10 Aconselhamentos: reedição da linguagem sentenciosa aristotélica.....	104
2.11 Conclusões acerca deste capítulo.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XVIII, na Europa, especialmente na França, foi marcada por várias mudanças do ponto de vista ideológico, a favor da razão e em detrimento de um pensamento medieval cristão. Pensando em Portugal, “malgrado o peso morto duma tradição ideológica fundado em dogmas e princípios imutáveis” (MOISES, 2006 p. 95), o país consegue, com apoio de D João V, tomar contato, ainda que de forma pulverizada, via estrangeirados como Verney, Ribeiro Sanches, Francisco J. Freire, entre outros, com as ideias propagadas pelo Iluminismo nos países do além Pirineus.

No que tange às letras, a primeira reação antibarroca se deu com a publicação da primeira antologia poética *A Fenix Renascida ou Obras Poéticas dos melhores Engenheiros Portugueses* (1746). Castello (1975), afirma que, no caso de Portugal, os movimentos academicistas do século XVIII, sob a pretensão de difundir as Luzes na Lusitânia e em sua colônia, foi o que houve “de mais sério na vida cultural do Brasil Colônia” (CASTELLO, 1975, p. 96)¹.

Em se tratando das academias lusitanas, afirma-se que foram “frutos de uma época” advindos de uma movimentação ocorrida na Europa e que eram apoiadas diretamente pelo Monarca. Quanto aos membros, eram provenientes da nobreza, que muitas vezes, disponibilizava seus palácios para a realização das agremiações cuja tipologia dividia-se em dois tipos: as “Puramente Literárias” e as “Especialmente Históricas” (UBIALI, 1999, p.58).

Em Portugal, uma das mais importantes foi a *Arcádia Lusitana* (1756-1774), inspirada no modelo italiano da *Arcádia Romana* (1690). Ressalta-se que essa academia portuguesa “com sua divisa - *inutilia truncat* – desejava testemunhar o repúdio às coisas inúteis que adornavam pesadamente a poesia barroca” (MOISES, 2006, p. 97). No que diz respeito à estrutura literária, ela pautava-se em modelos antigos, mas tentando conciliar a orientação racionalista experienciada pela Europa iluminada.

No caso do Brasil, as Academias manifestaram-se tardiamente. Fazem parte da literatura barroca e “têm o mérito de ser o marco de progresso considerável do nível cultural do Brasil-Colônia, e o estágio mais avançado de suas possibilidades” (CASTELLO, 1975,

¹ A respeito da constituição das Academias de um modo geral, Lopes afirma que os letrados tinham a necessidade de se agremiarem a fim de resistirem à abnegação do meio. “Precisavam do apoucado calor da admiração dos pares... A criação das Academias assinala um dos traços mais claros da fase... Os grupos estavam dispersos pelos poucos centros urbanos coloniais. Não se comunicavam sequer entre si. Viviam de si mesmos, ilhados, distantes, relegados à condição de satélites de algum protetor poderoso” (LOPES, apud UBIALI, 1999, p.56).

p.100). Diferentemente de Portugal, os temas das conferências eram “Literárias e históricas e também científicas, às vezes. Cunho moralista, religioso e predominantemente bajulatório” (UBIALI, 1999, p.59).

A título de exemplificação, no que concerne ao discurso laudatório, destaca-se o discurso conferido por Rocha Pitta, na segunda conferência na Academia Brasílica dos Esquecidos (1724):

As virtudes de todos estes Monarcas, (sic) se acham epilogadas no seu Augustíssimo sucessor Rei e Senhor nosso D. João 5o., real compêndio vivo de todos os seus atributos, como o tem mostrado, desde que tomou as rédeas da Monarquia não obediência do Pastor Universal e no culto dos sagrados Templos, não havendo Santuário que não frequente com repetidos votos, e dádivas generosas, mandando reedificar uns, e erigir outros, e chegando a sua piedade, e grandeza, não só aos de todas as suas conquistas, mas até aos da mesma Roma, e o seu amparo a toda a cristandade, em cuja defesa enviou as suas armadas, sendo no Ano de 1717 a que mandou em socorro da Praça de Corfu...rio] no mar Jônio, o desempenho das armas Católicas, contra os Otomanos alcançados do Inimigo comum a mais gloriosa vitória que nos vizinhos Séculos viram aqueles mares (MORAES, 1999, p.44).

Pode-se pensar que o caráter bajulatório mencionado por Ubiali (1999) assumiu, no caso do Reformismo Ilustrado, feições peculiares, pois nessas agremiações, mesmo tendo objetivos predefinidos por seus estatutos, o discurso encomiástico era muito presente. Fato este que pode ser comprovado, por exemplo, em função das escolhas de seus membros, pois segundo Scarparo (2010), ao discorrer sobre a Academia Brasílica dos Esquecidos - ABE, primeira academia fundada em solo brasileiro, as pessoas eram cuidadosamente escolhidas: “em quem o vice-rei confiava para não contrapor, com seus trabalhos, as instituições e o poder que se estabelecera” (SCARPARO, 2010, p.15).

Ao que se nota, no período que ficou popularmente conhecido por “mecenas pombalino” vislumbra-se, o surgimento de escritos literários, pinturas, esculturas, e afins que, de certo modo, contribuíram para a propagação das ações do Estado Português na reconstrução do reino durante o reinado josefino. Assim, nosso referencial teórico, para este trabalho, é a obra *Mecenas Pombalino*, de Ivan Teixeira (1999). Com ela, pretende-se evidenciar um desencontro que vigora no conjunto das ações políticas (envolvendo questões predominantemente acadêmicas) e como elas refletem, por um lado, a mudança de foco do enciclopedismo para o cientificismo e, por outro lado, como essa mudança é contraditória, no que diz respeito a se “modernizar” ou se retrair no aconchego do que já se conhece.

A nossa projeção se dará no sentido de demonstrar e discutir essa mesma projeção no discurso de Manuel Inácio da Silva Alvarenga², procurando evidenciar os embates produzidos no âmbito da escritura da obra, todos eles produzidos – curiosamente – à luz do conservador modelo das poéticas da antiguidade greco-romana. Os deslocamentos entre um olhar genérico-filosófico de correntes aristotélicas de uma poética seiscentista, todavia, acabam por convergir para uma poética horaciana pragmática e objetiva na poesia setecentista, promovendo, internamente, os ditos embates que, embora se pareçam inconciliáveis, segundo um olhar sobre a questão política, acomodam-se nos ajustes mais ou menos formais permitidos pelos recursos às orientações poéticas e retóricas de uma escrita lusitana.

Na verdade, os textos produzidos não só pelos acadêmicos como também pelos demais escritores seiscentistas e setecentistas, ligados ou não ao mecenato pombalino, promoviam um discurso adequado às preceptivas antigas. Nos setecentos, notadamente, a objetividade e praticidade observadas em Horácio, por exemplo, vinham ao encontro do espírito empreendedor do Pombal, claramente prático.

No tocante à participação das elites coloniais nas atividades acadêmicas, além do interesse pelas letras, havia outra motivação: a visibilidade diante do Estado. Desse modo, “a participação dos letrados no projeto acadêmico, então, está associada à economia de mercês, com a criação de laços entre as elites e o monarca a partir da prestação e retribuição de favores” (SCARPARO, 2010, p.15).

No caso da Academia Brasílica dos Renascidos (1759), fora criada por Sebastião José Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, “que na condição de mecenas, direcionava os objetivos da Academia para que servissem como difusores das ideias iluministas que defendia” (SILVA, 2011, p. 2). Para tanto, nomeara como presidente o Sr. José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, para quem deu uma dúplice incumbência: a de escrever, juntamente com os acadêmicos a História da América Portuguesa e, de forma velada, expulsar os jesuítas da Colônia, sendo estes últimos considerados por Pombal como empecilhos para a propagação de seu ideal ilustrado.

Em síntese, Pombal, por intermédio da ABR – Academia Brasílica dos Renascidos - tencionava não só construir a História da América Portuguesa, mas também “redefinir as práticas letradas que deveriam ser transferidas de um plano religioso para um plano

² Manuel Inácio da Silva Alvarenga nasceu em Vila Rica (MG) em 1749 e faleceu no Rio de Janeiro em 1814. Em 1768, muda-se para Portugal a fim de dar continuidade em seus estudos na Universidade de Coimbra. Segundo pesquisas como os de Teixeira (1999), Silva Alvarenga se entusiasma com o clima de renovação propalado pela reforma na Universidade de Coimbra (1771) e, em 1774, escreve *O Deserto* um dos maiores manifestos a favor do pombalismo.

ideológico científico”. (SILVA, 2011, p. 7). Por esse motivo, criou ABR que se camuflava num modelo antigo da ABE – Academia Brasílica dos Esquecidos,³ mas objetivando redefinir a primeira conforme novas práticas.

Em Portugal observou-se um embate entre a nobreza tradicional e o Marquês, pois os primeiros viam-se aliados do poder em detrimento da proeminência política do segundo. A título de exemplificação, houve, segundo Teixeira (1999), no período da reconstrução de Lisboa, um setor da nobreza que se vinculava aos capitalistas germânicos estabelecidos em Portugal com o intento de derrubar Pombal, contudo, o plano fora descoberto, mas o Marquês esperou o momento oportuno para punir os nobres.

Com efeito, sob o pretexto de castigar os implicados no atentado à vida de D. José I, (...) Pombal desencadeou uma violenta perseguição contra as famílias que se opuseram a seu governo. Decorreu daí a prisão de cerca de mil pessoas, dentre as quais se destacam os Aveiros e os Távoras, cujos chefes foram executados em praça pública. A partir de então, não houve mais resistência nesse setor da população (TEIXEIRA, 1999, p. 39).

A partir dos dados apresentados pode-se inferir que essas duas esferas da sociedade do Antigo Regime representavam um entrave para os anseios político-administrativos de Pombal as quais deveriam, segundo nosso entender, ser enfraquecidas.

Em um governo que se pressupunha progressista, punir as pessoas, quaisquer que fossem, queimadas em praça pública, em especial os nobres supostamente envolvidos no atentado a D. José I, era um dos aspectos que contribuía para, aos olhos estrangeiros do Além Pirineus, confirmar o atraso de Portugal frente às renovações bafejadas pelas luzes. Assim, é possível pensar haver na Lusitânia um discurso progressista advindo do Estado, contudo alicerçado em bases, por que não dizer, “medievais”.

No caso de Portugal, a partir do momento em que Sebastião José recebeu, em 1769, o título de Marquês de Pombal, ele começou a se propagar sua imagem “dando início ao discurso do mecenato pombalino, marcado pela ideia de progresso, arrojo, trabalho, austeridade e estudo” (TEIXEIRA, 1999, p.16). Em meio a este cenário há de se considerar a ação propagandística do Marquês, que, de acordo com Teixeira, (1999), gerou

numerosos escritos doutrinários, pinturas, gravuras e uma vasta literatura, que ora se manifesta pelo encômio (louvando a Pombal, o líder triunfante), ora pela sátira (vitupério contra o grupo derrotado, os jesuítas (TEIXEIRA, 1999, p. 47).

³ Sobre os movimentos academicistas recomenda-se a leitura de Castello (1975, p. 97-121).

Em suma, pode-se dizer, segundo Carvalho (2001), que as reformas delineadas por Pombal se ancoravam em dois aspectos: o primeiro, concernente à rejeição da situação do atraso sociocultural e político de Portugal frente às nações europeias, diagnosticada por ele quando diplomata no exterior e o segundo aspecto era marcado ideologicamente em prol da construção de uma nova identidade portuguesa notadamente pautada na filosofia iluminista.

No âmbito da poesia, que é nosso objeto de estudo, segundo Teixeira (1999), na verdade o movimento das Luzes em Portugal se configurou como sombras visto que a poesia não se desvencilhou do catolicismo, tampouco dos privilégios absolutistas. Assim, torna-se plausível pensar que a Ilustração portuguesa, apesar de os seus autores terem se fundamentado em grandes referências europeias, não representou de fato uma mudança, isto porque os escritos literários estavam subordinados à vontade do Estado, o que poderá ser observado em *O Desertor das letras: poema herói-cômico* (1774), de Manoel Inácio da Silva Alvarenga, objeto do presente estudo.

Para uma melhor compreensão do trabalho realizado, faz-se necessária uma breve explanação acerca de sua estrutura, para tanto, estabeleceremos, a seguir, a disposição dos capítulos e seus respectivos assuntos.

O primeiro capítulo procura inserir Portugal no universo ilustrado, para tanto, a fim de compreender como as ideias iluministas adentraram o solo lusitano, fez-se necessária uma discussão acerca do processo de estrangeiramento e de como os estrangeirados procuraram tirar Portugal do atraso sociocultural e econômico em relação aos outros países de Europa. Neste momento destacaram-se Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, Luiz Antônio Verney e Francisco José Freire, estes últimos tidos como referenciais teóricos adotados por Pombal durante o período do Iluminismo português. Posteriormente, as discussões versaram sobre a poesia engajada no projeto das Luzes, os referenciais adotados foram Aristóteles (384 a.C.) e Horácio (I a.C.); todavia o que teria levado uma poesia que se intitulava iluminada a adotar referenciais antigos? Por fim, procedeu-se a algumas reflexões sobre qual a intenção de Silva Alvarenga adotar, na escritura de *O Desertor: poema herói-cômico* (1774), os modelos antigos para sua escritura poética.

O segundo capítulo foi destinado à análise da obra, procurando desvelar o *modus scribendi* de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, principalmente quanto à apropriação de modelos consagrados para a escritura de seu poema herói-cômico. Assim, procurou-se compreender esse poema considerando-se, que subjaz em seu interior, uma organização

textual alicerçada em categorias retórico-poéticas aristotélicas e horacianas, empregadas decorosamente a fim de consolidar o encômio ao projeto pombalino. Entretanto, por tratar-se de um poema herói-cômico, analisou-se, primeiramente, como e por que o riso é produzido nesta obra, em outros termos, conforme assinalou o próprio Silva Alvarenga, porque mostra amável a virtude e ridículo os vícios, e em segundo, como o autor consegue, em conformidade com as preceptivas horacianas, o fim da verdadeira poesia: instruir, mover e deleitar.

Por fim, o estudo desse texto de Silva Alvarenga (1749-1814) tentou contribuir para a compreensão de uma escritura poética que revela a erudição de um autor que, embora fosse muito jovem quando da escritura de *O Desertor*, denota uma maturidade literária a partir de um discurso cuja trama narrativa vai se construindo a partir de elementos que aparentemente se excluem, mas que, na verdade, se complementam a favor do fim a que se destina: o louvor às ações pombalinas frente à Reforma na Universidade de Coimbra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar *O Desertor* à luz das categorias retórico-poéticas de base aristotélica e horaciana (vistas como vozes do “passado” e do “futuro”), no intuito de compreender uma escritura poética permeada por tensões (embates) que são desveladas à medida que se procede a uma leitura mais acurada da obra.

Tendo como pano de fundo a militância política de Silva Alvarenga adequada ao espírito ilustrado do século XVIII, realizou-se uma explanação acerca do contexto histórico desse período no que diz respeito ao surgimento das academias, em especial a Arcádia Lusitânia (1756 – 1774), que repudiava as coisas inúteis (*inutilia truncat*), reflexo da poesia barroca dos Seiscentos. Os tratadistas Luiz Antonio Verney e Francisco José Freire, nas obras *O Verdadeiro Método de Estudar e Arte Poética, ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral*, respectivamente, alegavam que a poética Seiscentista era obscura, e de difícil compreensão. Tanto Verney quanto Freire ancoraram suas obras nos preceitos do ensinar (*docere*), deleitar (*delectare*) e persuadir (*movere*) de Horácio, fato perfeitamente compreensível, uma vez que, segundo eles, a agudeza da metáfora seiscentista não era compreensível, chegando inclusive a ser considerada como inverossímil. Portanto, os escritos produzidos não só pelos acadêmicos como também pelos demais escritores seiscentistas e setecentistas, ligados ou não ao mecenato pombalino, promoviam um discurso adequado às preceptivas antigas.

Nos setecentos, notadamente, a objetividade e a praticidade observadas em Horácio vinham ao encontro do espírito empreendedor do Pombal, claramente prático e, portanto, passaram a compor o modelo de produção de discursos da época. Neste período, Silva Alvarenga, então estudante de Coimbra, figura como poeta influenciado pelo clima da Universidade reformada, tendo escrito em 1774 *O Desertor: poema herói-cômico*, apontado pela historiografia literária como um dos mais importantes “manifestos” a favor do pombalismo.

Finalizada a contextualização e as discussões referentes ao estado da questão, procedeu-se à escritura do primeiro capítulo: *Olhar estrangeirado e ensino jesuítico – Questão política e tema central d’o Desertor*, que se iniciou a partir da ascensão de D. José I ao trono português e, conseqüentemente, da nomeação de Sebastião José de Carvalho e Melo para Ministro do Reino. Discorreu-se também sobre as implicações sociopolíticas desse ato,

em especial, no meio acadêmico, culminando na retirada do ensino das mãos jesuíticas e a Reforma da Universidade de Coimbra em 1772. As ideias de arrojo e progresso de Pombal advieram via estrangeirados, que, de uma forma ou de outra, mostravam-se adeptos das mudanças econômicas e socioculturais dos países europeus do Além-Pirineus. Dentre eles destacaram-se Verney, Freire e o próprio Marquês de Pombal. Por fim, discorreram-se algumas considerações sobre a atividade letrada entre os Seiscentos e Setecentos, não como momentos estanques que se contrapõem, mas que mantiveram um diálogo decoroso, como observado em *O Desertor*. Para louvar a Reforma na Universidade de Coimbra, Silva Alvarenga valeu-se do gênero demonstrativo, bem como do gênero deliberativo, destinado aos aconselhamentos. Todavia, não se pode esquecer que se pregava a modernização das letras, para tanto, procurou refúgio em Horácio (1 a.C) e Aristóteles (384 a.C.).

O segundo capítulo, *O Desertor e seus embates: estratégias retóricas de condução da narrativa*, foi destinado à análise da obra, cujas tensões foram discutidas considerando três aspectos: o político, o textual e o intradieético. Do ponto de vista político, foi analisada a sucessão de argumentos que corroboraram para a consolidação da imagem positiva de Pombal frente às Reformas na Universidade de Coimbra, além dos trazidos para vituperar a escolástica. Para tanto, discussões versaram sobre a escolha do gênero demonstrativo / epidítico de matriz aristotélica; no entender de Silva Alvarenga, a imitação da natureza consistia em toda força da poesia, além de ser o meio mais eficaz, para mover, instruir e deleitar. Baseando-nos nessa premissa, percorremos a narrativa desvelando como as categorias retórico poéticas de orientação aristotélica e/ou horaciana evidenciaram a posição adotada na condução do texto. A amplificação trouxe uma série de argumentos a favor do encômio, como o uso reiterado de vocábulos que “iluminaram” o poema, os feitos pombalinos associados a uma imagem positiva, “prêmio de seus trabalhos” às Ciências, “restaurador”, “protetor das Artes que renascem, entre outros, além da sucessão de expressões pejorativas para vitupério: “monstro horroroso”, “pérfida Ignorância”, “A sombra que aborrece as Luzes”, entre outros.

Do ponto de vista textual, temos uma obra que se faz pública, passa pela censura, e mais, é impressa pela tipografia da Universidade de Coimbra a mando do Marquês de Pombal, sem inclusive a autorização de Silva Alvarenga. A prática do mecenato, originada no Império Romano, foi um meio de imortalizar, pela arte, a figura de Sebastião José, o novo mecenas.

No plano intradieético, o processo de construção do protagonista evidencia vitória das “Luzes” sobre as “Sombras”. Foi observado que Gonçalo não é um personagem acabado,

pois muda ao longo de toda a narrativa, ora possui atitudes honrosas, por isso a aproximação com os grandes heróis da Antiguidade Greco-romana, ora porta-se como medroso, covarde. Nesse caso, o rebaixado por meio da explicitação dos seus vícios, produz-se o louvor via vitupério, ou seja, ao mostrar a debilidade de espírito, ora pendendo para vícios por excesso, ou por falta, implicitamente a virtude correspondente é suscitada, portanto, para atingi-la espera-se moderação, fato que não ocorre com Gonçalo. O louvor de forma explícita aparece somente por algumas falas do narrador, e é destinado ao Marquês de Pombal e a D. José I de acordo com a preceptiva aristotélica segundo a qual o elogio deve pautar-se em ações de homens virtuosos, merecedores, portanto, do louvor. Entretanto, se no agente não encontramos matéria bastante de elogio, precisamos comparar com outro; há o cuidado de o por em paralelo com pessoas de renome como acontece com Gonçalo, uma vez que o texto revelou a familiaridade entre ele e a Ignorância.

Por fim, todas essas relações desvelaram que nesse poema herói-cômico o riso foi provocado pelo hibridismo ao tratar de forma épica situações e personagens tidos como ridículos. Para justificar seu poema, Silva Alvarenga, mostrando comportamentos viciosos e ressaltando as virtudes, consegue o fim da Verdadeira poesia, instruir, mover e deleitar. O personagem, ao final, mesmo derrotado, mantém no peito a glória de trazer consigo “a derrotada estúpida Ignorância”.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. **O Desertor**: poema herói-cômico. Notas ao poema de Joaci Pereira Furtado e Ronald Polito. Campinas: Unicamp, 2003.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Introdução e Notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.

ÁVILA, Henrique Manuel. **E o verbo se fez carne**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro (UFRJ), 1983.

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de filosofia aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri: Manole, 2003.

CABRAL, Antônio. **Morfologia literária: Noções fundamentais para o estudo da literatura**. Porto Editora, 1970.

CAMÕES. Luiz Vaz. **Os Lusíadas**. Leitura. Prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa, Instituto da Alta Cultura, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: TA Queiroz, 2000.

_____. Poesia e música em Silva Alvarenga e Caldas Barbosa. In: **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1997.

CARDOSO, Patrícia R. M. B. **A configuração da ironia na obra poética de Antonio Carlos de Brito – Cacaso**. Dissertação de Mestrado, 2005, Universidade Estadual de Londrina, UEL.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de Agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas, Editorial: EDUSP, 2007.

CARVALHO, Rómulo de. **História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. **Manifestações literárias da Era Colonial: (1500-1808/1836)**. São Paulo, Cultrix, 1975.

_____. **A Literatura Brasileira: Origens e unidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Tradução de Paulo Ronái e Teodoro Cabral, revisão Geraldo Gerson de Souza e Prefácio de Segismundo Spina. São Paulo: EDUSP, 1996.

COMPÊNDIO. **Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no Tempo da Invasão dos Denominados Jesuítas e dos Estragos Feitos nas Ciências e nos Professores, e Diretores que a Regiam pelas Maquinações, e Publicações dos Novos Estatutos por elles Fabricados** [Vinheta Imperial.] Lisboa, Na Regia Officina Typographica, Anno NDCCLXXII, 1772).

FREIRE, Francisco Joseh [Candido Lusitano] **Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral, e de Todas as suas Especies Principais, Tratados com Juizo Critico: (...), Ulissyponense**. Segunda Edição [Dois volumes]. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. MDCCLIX. Com as Licenças Necessárias, 1759.

GAMA, Basílio da. **O Uruguai**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GODINHO, Vitorino Magalhães. **A estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Arcádia, 1971.

HANSEN, J. A. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Atual, 1986.
 _____. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII**. 2. ed. São Paulo: Ateliê; Campinas: Unicamp, 2004.

HODGART, Matew. **Origenes y principios**. In: **La sátira** [Satire]. Trad. de Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, Tradução, e Comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Livraria Clássica Editora. Textos Clássicos. Coleção Bilingue 1997.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. de Manuel Odorico Mendes. Martin Claret, 2009.

_____. **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política de ironia**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

KIERKEGARRD, Soren Aabye. **O conceito de ironia**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAUSBERG, Henrich. **Elementos de Retórica Literária**. Tradução, 2. ed. Prefácio e Aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1972.

MAXUELL, Keneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2009.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes de. **A Academia Brasílica dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil Colonial**. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1999.

MOREIRA, Marcelo. **Crítica Textualis in Caelis Revocata**. São Paulo, EDUSP, 2011.

MUHANA, A. **A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero**. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1997.

QUINTILIANO, M. F. **Instituciones oratorias**. Tradução direta do Latim por Ignacio Rodriguez y Pedro Sandler. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Madrid, 1887.

REGO, João Figueira. **A limpeza de sangue e a escrita genealógica nos dois lados do Atlântico entre os séculos XVII e XVIII: Alguns aspectos**. Comunicação, 2008.

RIBEIRO, João Ribeiro. **Satyricos portugueses**. Coleção poema herói-comicos satyricos. Garnier Livreiro Editor, Rio de Janeiro, 1910.

SALLES, Fritiz Teixeira. **Silva Alvarenga: antologia e crítica**. Brasílica, Coordenada, 1972.

SCARPARO, Marcelo K. *Histórias e representação do espaço na Academia Brasílica dos Esquecidos (Salvador 1724-25)* Monografia. Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SENA, Jorge de. **Estudos de cultura e literatura brasileira**. Lisboa, 1988.

SERRÃO, Joel. **Dicionário da História de Portugal**. Porto, Livraria Figueirinhas, 1992.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. **Obras poéticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)** colegiadas, anotadas e precedidas de juízo critico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras e acompanhadas de documentos históricos por Joaquim Norberto de Souza Silva. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. t. 1.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Poética Clássica**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TEIXEIRA, Francimara Nogueira. **Prazer e crítica: o conceito de diversão no teatro de Bertold Brecht**. São Paulo: Annablume, 2003.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica** Basílio da Gama e a poética do encômio. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1999.

TOPA, Francisco. **Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: inventário sistemático dos seus textos e publicações de novas versões, dispersos e inéditos**. Porto: Edição do Autor, 1998.

TRINGALI, Dante. **Horácio poeta da festa: navegar não é preciso: 28 odes**. São Paulo: Musa Editora, 1995.

TUNÁ, Gustavo Henrique. **Silva Alvarenga**: representante das Luzes na América portuguesa. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

UBIALI, Nelson Attílio. **A academia brasílica dos esquecidos**: no contexto do Movimento Academicista Brasileiro. Londrina: Editora da UEL, 1999.

VERNEY, Luís Antonio. **O Verdadeiro método de estudar**. Valença: Oficina de Antonio Balle, 1746.

VILLALTA, Luiz Carlos. **Reformismo Ilustrado, Censura e Práticas de Leitura**: Uso do Livro na América Portuguesa. (Tese de Doutorado), São Paulo, USP, 1999.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. Nova Cultural: São Paulo, 2003.

ELETRÔNICOS

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. **O Desertor**: poema herói-cômico. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1774. Acervo Digital da Brasileira USP. Disponível em: <brasiliana@usp.br>. Acesso em: 02 de ago. 2012.

BARBOSA , Sara Rogéria Santos; FILHO Genivaldo Gonçalves dos Santos. **Política Educacional Pombalina**: a reforma dos Estudos Menores e a mudança no método de ensinar. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/01-%20ESTADO%20E%20POLITICAS%20EDUCACIONAIS%20NA%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20BRASILEIRA/POLITICA%20EDUCACIONAL%20POMBALINA.pdf> Acesso em: 05 de maio de 2012.

CARNEIRO, Ana. et al. *Imagens do Portugal Setecentista*. Textos de Estrangeirados e Viajantes. Revista Penélope, 22, 2000. Disponível em: [file:///C:/Users/Paty/Downloads/Dialnet-ImagensDoPortugalSetecentista-2655556%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Paty/Downloads/Dialnet-ImagensDoPortugalSetecentista-2655556%20(2).pdf) Acesso em: 02 ago. 2012.

CEIA, Carlos. Poema herói-comico. In: **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt> . Acesso em: 27 ago. de 2014.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Tradução Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho António Feliciano de Castilho Edição eBooksBrasil, 2005. Disponível em: www.ebooksbrasil.com. Acesso em: 15 de jan. de 2015.

CUNHA, Luiz da. **Testamento Político**. Or. Biblioteca Alfa-Ômega de Ciências Sociais, São Paulo, 1976. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=92761 Acesso em: 21 de mar. 2015.

FREIRE, Francisco José [Candido Lusitano] **Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral, e de Todas suas Espécies Principais, Tratadas com Juízo Crítico**: Composta por [...] Ulyssiponense. 2ª. ed. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. MDCCLIX. Disponível em: <https://archive.org/details/artepoeticaoureg01frei>. Acesso em 16 de fev. de 2013.

GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo. Duas cartas sobre dois padres da Companhia de Jesus em Favaio. **revista Douro** 16, 2003 Estudos e Documentos. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9667.pdf>. Acesso em: set. 2013.

HANSEN João Adolfo. Retórica da Agudeza: **revista Letras Clássicas**, n.4, p.317-342, 2002.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. "Estrangeirados". A questão do isolacionismo português no s século s XVII e XVIII: **revista História, São Paulo**, n. 123-124, p. 35-70, ago./jul., 1990/1991. Disponível em: <file:///C:/Users/Paty/Downloads/18634-22165-1-PB.pdf>

NASCIMENTO, Danniele Silva do; RÊGO, Nathália Pinto do Rêgo; RIBEIRO, Prisciane Pinto Fabrício ; ALBERTIM, Alcione Lucena de. O Escudo de Eneias: a representação da consagração de augusto César: **revista Cultura & Tradução. João Pessoa**, v.1, n.1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/13016/7528>

REGO, João de Figueiroa. **A limpeza de sangue e a escrita genealógica nos dois lados do Atlântico entre os séculos XVII e XVIII**: Alguns aspectos. Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades Comunicação Disponível em : https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11947/1/joao_figueiroa_rego.%20a%20limpeza%20de%20sangue%20e%20a%20escrita%20geneal%C3%B3gica.pdf

SILVA, Carlos Henrique. **Virtudes e Vícios em Aristóteles e Tomas de Aquino**: oposição e prudência. Texto apresentado no IV Colóquio do CPA, “*Política e Ética na Antigüidade Clássica*”, em 25/11/98 - IFCH/UNICAMP.

SILVA, Marcela Verônica da. Os Estatutos da Academia Brasílica dos Renascidos: formalidade e ilustração: **revista Acta do grupo de Pesquisa “A escrita no Brasil colonial e suas relações”** vol. 1, 2011. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/OSESTATUTOSDAACADEMIABRASILICADOSRENASCIDOSFORMALIDADEEILUSTRACAO/MARCELAVERONICASILVArevistoISSN.PDF>

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/RebecaXavier/verssimo-jos-historia-da-literatura-brasileira> Acesso em: mar. 2015.

